

RE-ESCREVENDO UMA GRAMÁTICA DO CORPO EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

REWRITING A GRAMMAR OF THE BODY IN THE HOUR OF THE STAR, BY CLARICE LISPECTOR

REESCRIBIENDO UNA GRAMÁTICA DEL CUERPO EN LA HORA DE LA ESTRELLA, DE CLARICE LISPECTOR

Marina Maura de Oliveira Noronha¹

Edgar César Nolasco²

RESUMO: Este trabalho busca, a partir de uma perspectiva descolonial e fronteiriça, pontuar uma gramática *outra* do corpo não uma gramática moderna que valorizou e repetiu, grosso modo, a retórica de um saber único (universal). A gramática moderna, se, por um lado, reforça a importância sistematizada de conhecimento, por outro lado, a gramática da sensibilidade reitera a movimentação a partir do bios e do lócus de quem a pensa, nesse caso da fronteira-sul. Tendo por base a crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015), queremos entender que tal visada de gramática tradicional moderna pode ser rediscutida e re-escrita de uma perspectiva que não partilhe de proposta teórica defendida pelos paradigmas moderno. Como propósito de re-pensar e re-escre(vi)vendo tal questão, aqui vamos nos valer do livro *A hora da estrela* (1977), da escritora brasileira Clarice Lispector, especificamente pelo contexto social e político no qual ele veio a público, e considerando que o referido livro faz parte de nossa discussão de Tese de Doutorado em finalizada (NECC/PPGEL/UFMS). Com base na obra, nossa abordagem teórico-crítica volta-se para essa gramática do corpo entorno de uma gramática da descolonialidade (MIGNOLO, 2010), cujos outros conceitos são desobediência, desprendimento (MIGNOLO, 2008); intercorporeidade (PESSANHA, 2018); pensamento próprio (KUSCH) e os de corpo-política e geopolítica (MIGNOLO, 2015) os quais configuram a gramática da sensibilidade aqui proposta.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática do corpo; Crítica biográfica fronteiriça; A hora da estrela; Clarice Lispector.

ABSTRACT: This work seeks, from a decolonial and border perspective, to point out another grammar of the body, not a modern grammar that valued and repeated, roughly speaking, the rhetoric of a single (universal) knowledge. While modern grammar reinforces the systematized importance of knowledge, the grammar of sensitivity reiterates the movement from the bios and locus of those who think it, in this case, the southern border. Based on border biographical criticism (NOLASCO, 2015), we want to understand that such a view of traditional modern grammar can be re-discussed and

¹ Marina Maura de Oliveira Noronha, é Doutoranda em Estudos de Linguagens (PPGEL) - pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: marina.m.noronha@gmail.com.

² Professor Titular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Orientador Edgar César Nolasco.

rewritten from a perspective that does not share the theoretical proposal defended by modern paradigms. With the purpose of rethinking and rewriting this issue, we will draw on the book *The Hour of the Star* (1977) by Brazilian writer Clarice Lispector, specifically because of the social and political context in which it was published, and considering that the book is part of our discussion in a completed doctoral thesis (NECC/PPGEL/UFMS). Based on the work, our theoretical-critical approach focuses on this grammar of the body around a grammar of decoloniality (MIGNOLO, 2010), whose other concepts are disobedience, detachment (MIGNOLO, 2008); intercorporeality (PESSANHA, 2018); self-weighting (KUSCH), and those of body-politics and geopolitics (MIGNOLO, 2015), which configure the grammar of sensitivity proposed here.

KEYWORDS: Body grammar; Frontier biographical criticism; *The Hour of the Star*; Clarice Lispector.

RESUMEN: Este trabajo busca, desde una perspectiva descolonial y fronteriza, señalar otra gramática del cuerpo, no una gramática moderna que valoró y repitió, en términos generales, la retórica de un saber único (universal). Si, por un lado, la gramática moderna refuerza la importancia sistematizada del conocimiento, por otro lado, la gramática de la sensibilidad reitera el movimiento a partir del *bios* y del *locus* de quien la piensa, en este caso, de la frontera sur. Basándonos en la crítica biográfica fronteriza (NOLASCO, 2015), queremos entender que tal visión de la gramática tradicional moderna puede ser rediscutida y reescrita desde una perspectiva que no comparta la propuesta teórica defendida por los paradigmas modernos. Con el propósito de repensar y reescribir tal cuestión, aquí nos basaremos en el libro *La hora de la estrella* (1977), de la escritora brasileña Clarice Lispector, específicamente por el contexto social y político en el que se publicó, y considerando que dicho libro forma parte de nuestra discusión de la tesis doctoral en fase de finalización (NECC/PPGEL/UFMS). Basándonos en la obra, nuestro enfoque teórico-crítico se centra en esta gramática del cuerpo en torno a una gramática de la descolonialidad (MIGNOLO, 2010), cuyos otros conceptos son la desobediencia, el desapego (MIGNOLO, 2008); la intercorporeidad (PESSANHA, 2018); pensamiento propio (KUSCH) y los de cuerpo-política y geopolítica (MIGNOLO, 2015), que configuran la gramática de la sensibilidad aquí propuesta.

PALABRAS CLAVE: Gramática del cuerpo; Crítica biográfica fronteriza; *La hora de la estrella*; Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

Escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu. Como conseguir saber do que nem ao menos sei? Assim: como se me lembrasse. Com um esforço de memória, como se nunca tivesse nascido. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é em carne viva. (LISPECTOR, 2020, p. 259).

Aqui aplico a epígrafe desta reflexão como passagem para início de conversa teórica pensando numa gramática do corpo:

Descrever me cansa. (LISPECTOR, 2020, p. 65)

Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. (LISPECTOR, 2020, p. 14).

Como cuidado teórico-crítico nesta reflexão, Clarice Lispector não pode ser considerada uma intelectual descolonial, mas nada me impede de ver e querer pontuar que sua prática de escrita levada a cabo em *A hora da estrela* (1977) a obra em estudo, podendo flertar com tal teorização e conceituação, como pensar também numa gramática do corpo aqui proposto a partir da obra. Nesse sentido, a primeira passagem acima, já autêntica e confirma uma prática moderna empregada por Clarice que a tira do crivo da descolonialidade e a mantém, por conseguinte, como a escritora moderna e modernista que sempre foi dentro da tradição literária brasileira. Todavia, já na segunda passagem, posso ver que se entreveja para uma possibilidade de leitura outra que resvala para o campo da teorização que esboça uma gramática do corpo com sua movimentação epistêmica específica, uma vez que ela assume escrever com o corpo e, para se escrever com o corpo, subentende-se que demanda uma inscrição corpográfica³ (MIGNOLO) do intelectual.

Antes de cartografar as passagens ou pontos escriturais (afora a da epígrafe) que endossa a prática do aprender a escrever para reescrever, assim, re-escrever, quero lembrá-los que no tocante à fortuna crítica da escritora sobre tal questão há pouco material teórico. De começo, arrolo os livros *A hora da(s) estrela(s)* Clarice & Macabéa (2021), e *O teorizador vira-lata* (2022), ambos de Edgar César Nolasco, que tratam do assunto, entre algum outro ensaio sobre a escritora. Vêm somar-se a esses dois livros especificamente sobre a autora, os livros *¿Podemos pensar los no-europeos?* (2018), organizado por Facundo Giuliano, *Desobediencia epistémica* (2010), de Walter Mignolo, e alguns ensaios de crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015).

³ O conceito assegura minha inscrição corpográfica, uma vez que leio o que leio a partir de meu próprio corpo

Abrindo o livro *A hora da estrela*, encontro de imediato quatorze títulos possíveis para a história que ali é narrada, entre eles, claro, o que dá título ao livro e por conseguinte evoca a possível gramática da sensibilidade. Todavia, me chamou a atenção aparecer a rubrica da própria escritora como um possível subtítulo para o livro. Quero entender que tal inscrição, se, por um lado, não é gratuita, por outra, já direciona-me para a teorização que partilho aqui. Enfim, mais do que isso, e não por acaso, o referido livro já foi considerado uma possível biografia ficcional da escritora, na medida em que ela traz marcas de sua vida pregressa inscritas no corpo da escritura. No decorrer dessa teorização, pode trazer ou fazer alusão a outros títulos ali arrolados. Virando a página dos 14 subtítulos, damo-nos com uma “Dedicatória do autor (na verdade Clarice Lispector)”. A tirar pelo título, já vemos de forma mais robusta a inscrição corpográfica da escritora ali presente. Lembrando que como o que me interessa aqui é a prática do reescrever rumo a um possível re-escrever contemplado por uma gramática outra, vou esgravatar e trazer para a superfície dessa minha teorização todas as vezes em que tal ação, ou opção, for mencionada dentro da narrativa da novela.

Nessa dedicatória, não por acaso lemos: “o que me atrapalha a vida é escrever.” A princípio mais a vida do autor, para logo ver que pode se tratar também da escritora. Aqui, parafraseando o escritor Rodrigo S.M., estou também fazendo trabalho de carpintaria, quase como um escritor manual, como ele também se assume. E assim chego ao início da narrativa (como se ele já não tivesse começado lá nos 14 subtítulos que a abrem), em que *leio enquanto eu tiver pergunta se não houver resposta continuarei a escrever* (não seria demais lembrar que eu estou sendo uma aliada hospitaleira da escritora, de modo que aqui me reservo o direito de me apropriar de sua escritura, para fazer dela minha e usá-la ao meu bel-prazer nesta discussão que se escreve por meio de minha teorização). E, nesse momento, não há como não trazer Walter Mignolo quando critica a Modernidade por ela *narcotizar o pensamento*, inclui-se nesse caso pensando a gramática moderna não escapou de narcotizar o ser e o saber. Em

contrapartida, já se inscreve aí o pensamento fronteiriço e sua política descolonial. Diz Mignolo:

Por isso, a tarefa de fazer, pensar e ser descolonial é a cura da ferida e a compulsão viciosa de “querer ter” e livrar-se das normas e hierarquias modernas é o primeiro passo para nos refazermos. Aprender a desaprender para reaprender de uma forma diferente é o que nos ensinou a filosofia de Amawtay Wasi.⁴

Entendo que a prática do re-escrever aponta a saída enquanto um fazer, um pensar e um ser descolonial como forma de curar-se da prática da reescrita moderna que levou à exaustão uma metaforização que resultava em uma ficcionalização moderna, como estratégia pensada para apagar as diferenças coloniais.⁵ Nesse sentido, o descrever me cansa de Clarice metaforiza a prática moderna trabalhada no livro por ela, bem como seu trabalho hercúleo de tentar driblar tal repetição. Aliás, não por acaso, Mignolo expõe de forma precisa o papel do pensamento descolonial com relação a essa prática de metaforização/ficcionalização, quando afirma que “a necessidade de nos “desligarmos” de tais ficções naturalizadas pela matriz colonial de poder é a teoria de que o pensamento decolonial se transforma num projeto e processo.”⁶

Como disse, se, por um lado, a expressão descrever me cansa pontua a reforça a modernidade da escrita clariciana, por outro lado, abre-se para uma possível saída de ordem descolonial (talvez mais ao nível da recepção). Trago ademais, uma passagem de Silviano Santiago que, se, por um lado pode ser discutida, por outro não deixa de endossar o que aqui estou buscando acerca de tal marca descolonial em *A hora da estrela*. Transcrevo a passagem do autor:

Nos anos 40, Clarice Lispector dá as costas ao que tinha sido construído, a duras penas pelos colonos e os brasileiros, como instinto e/ou consciência de nacionalidade. Dá as costas à “tradição

⁴ MIGNOLO. Prefácio, p. 7. (Por ello, la tarea del hacer, pensar y estar sendo descolonial es la sanación de la herida y de la viciosa compulsión hacia el “querer tener” desprendernos de las normas y jerarquias modernas es el primer passo hacia el rehacernos. Aprender a desaprender para re-aprender de outra manera, es lo que nos enseñó la filosofía de Anawtay Wasi.)

⁵ Ver sobre isso o texto *Literatura comparada descolonial* (2024), de Edgar César Nolasco, especificamente a parte intitulada de “Quando teorizar é metaforizar”.

⁶ MIGNOLO. Prefácio, p. 7. (La necesidad de “desprendernos” de tales ficciones naturalizadas por la matriz colonial de poder es la teoría que el pensar descolonial convierte en proyecto y proceso.)

afortunada”, para guardar a expressão a que Afrânio Coutinho deu título de cidadania a partir da compilação feita por ele de inumeráveis e sucessivos exemplos tomados da cultura brasileira. *Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna*. Para que alcançasse a plena condição de excelência, no auge da “ingenuidade naturalista” dos anos 30 e 40, *a proposta subalterna, tardia e solitária da escrita ficcional de Clarice teve de se travestir, três décadas mais tarde, pelo que ela negava. Em vida da autora, seu romance mais famoso acabou sendo “A hora da estrela”*. Hoje, ele pode ser lido – sobretudo se o for com o respaldo da adaptação cinematográfica que o transformou numa espécie de “vidas secas” do asfalto – *como a mais alta traição ao que a autora tinha inaugurado na literatura brasileira, mas pode também ser dado como uma gargalhada na cara da tradição afortunada, gargalhada que diz: “Eu também posso fazer o que vocês fazem, basta mascarar-me com o rosto masculino do narrador Rodrigo S.M.”. Um dos possíveis títulos para esse romance ratifica essa gargalhada: “Saída Discreta pela Porta dos Fundos”. A lucidez zombeteira de Clarice está também neste outro título para o mesmo romance: “História Lacrimogênica de Cordel.”* (SANTIAGO, 1997, p. 02)

Lendo ao pé da letra a passagem, e tendo em mente minha visada teórica descolonial, entrevejo que não resta dúvida de que se desenha nela uma abertura para o pensamento descolonial, ou seja, para uma gramática íntima declinada no feminino. (Não por acaso, quase sempre o papel da grande crítica é ler para além do que o autor quis dizer; pelo menos entendo ser este o caso de Silviano), sobretudo quando o crítico brasileiro afirma que *Clarice inaugura uma tradição sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna*. Porque diria que não se trata, na verdade, de mero ricochete ou indiretamente não, uma vez que temos aí, se não pela primeira vez, mas com certeza de forma contundente e até *zombeteira* (palavra de Silviano) uma escritora-mulher, travestida de escritor homem, zombando da boa tradição literária brasileira declinada, sem dúvida, mais no masculino e por certa “classe social”. Na sequência da passagem anterior, como se não bastasse, Silviano ainda vai dizer que a proposta subalterna, tardia e solitária da escrita ficcional de Clarice teve de se travestir, três décadas mais tarde, pelo que ela negava. E teve mesmo, porque até então sequer a ideia de uma subalterna rondava o imaginário escritural da escritora moderna. E não menos importante: Clarice, sua literatura, teve de se travestir

pelo que ela negava. O que pode significar isso senão uma possibilidade de abertura para no mínimo uma leitura de ordem descolonial como a que intento fazer por meio deste estudo?

Nesse sentido, o escritor Rodrigo S.M. perseguido por meio de minha teorização, não passa de uma gargalhada metaforizada que a “escritora sem fortuna, desafortunada, feminina e, por ricochete, subalterna”, dá na cara dele quando lhe atribui o papel de antemão fracassado de criar a vida da subalterna mulher e heroína Macabéa. E digo mais, se no plano da perspectiva da história criada por Rodrigo S.M. ela encontraria aproximações com o romance “Vidas secas”, de Graciliano Ramos (Silviano pensa na aproximação), por ambos serem escritores homens, a história subalterna e declinada no feminino de Clarice sobre Macabéa vai encontrar aproximação apenas com Carolina Maria de Jesus e o seu *O quarto de despejo* (1960).

Passadas as três décadas, aludidas por Silviano, Clarice aporta na década de 70 com o seu último livro publicado em vida *A hora da estrela* (1977). E, mais uma vez, Silviano é enfático e certo: em *vida da autora, seu romance mais famoso acabou sendo "A hora da estrela"*. Quando Silviano fala que ali a autora trai a si mesma com relação ao que ela tinha inaugurado na tradição literária acentua a possibilidade de que podemos entender o livro noutra chave que não a moderna que sempre sustentou a alta e boa literatura brasileira e por extensão sua tradição. Soma-se a isso a gargalhada que a intelectual dá na cara da tradição afortunada, cuja gargalhada encontra respaldo nesta passagem também intelectual Rodrigo S.M.: “Eu também posso fazer o que vocês fazem, basta mascarar-me com o rosto masculino do narrador Rodrigo S.M.” Clarice Lispector, escritora-mulher (feminina) não podia, digamos, ocupar esse lugar, enquanto Rodrigo S.M., escritor homem, a lá, digamos, Machado de Assis com relação a *Capitu*, pode fazer realmente ao criar a história de sua heroína Macabéa. A gargalhada irônica de Clarice se inscreve nesse poder de poder narrar a vida de outrem, reforçando uma tradição declinada no falocentrismo patriarcal que sempre teleguiou a figura do narrador-homem por toda a mais alta tradição

literária brasileira. Ao final de sua passagem Silviano não deixa de aludir a dois possíveis títulos da novela que, cada um a seu modo, ilustra a história subalterna ali narrada: “Saída Discreta pela Porta dos Fundos” e História lacrimogênica de Cordel”. Silviano vê aí a lucidez zombeteira da intelectual, ao quero ver, para além disso, uma saída estratégica para um modo outro de narrar a própria literatura brasileira, a partir dos rebotalhos, dos restos, dos subalternizados, desprezados e ignorados pelo mundo beletrista que sempre imperou na literatura brasileira declinada no masculino. Se Clarice, por algum motivo, às vezes até entendível, não atravessou de vez a tal saída, por outro lado, deixou entreaberta a possibilidade para leituras que a seu modo caminham na contramão de grande parte da recepção dessa sua última obra, escrita e publicada em plena ditadura brasileira. Lembramos aqui, a título de ilustração, que em entrevista de 1977, ano da publicação do livro e da morte da escritora, Clarice dizia que o papel do intelectual era o de falar o menos possível. Talvez pensando no momento histórico repressor, mas também talvez pensando que, dada a forma como a narrativa literária vinha sendo narrada/contada, era hora de parar e re-contar, re-escrever essa mesma história mas de outra perspectiva, como entendo que o pensamento descolonial fronteiriço permite.

O outro título transcrito por Silviano, História Lacrimogênica de Cordel, remete o leitor metaforicamente à verdadeira história da heroína nordestina e sua ancestralidade, cuja história biográfica não foi narrada por Rodrigo S.M., mas que a escritora Clarice Lispector, talvez por ter vivido no nordeste brasileiro, amarra à sua própria história, e nesse sentido em particular o livro *A hora da estrela* pode ser lido como uma biografia ficcional da escritora, como defende Edgar César Nolasco.

Ainda retomando a segunda passagem que abre este trabalho, no qual se lê a escritora Clarice Lispector/Rodrigo S.M. dizendo escrevo com o corpo, quando transponho tal afirmação para o corpo/vida de Macabéa, vejo que ela, não diferentemente, pensa com o corpo, ou melhor, se vale de um pensamento

gago: “como casar com-com-com um ser que era para-para-para ser visto, gaguejava ela no seu pensamento.” (LISPECTOR, 2020, p. 37.)

Essa metáfora subentendida no pensamento gago pode ser compreendida pela discussão que Hugo Achugar faz em *Planetas sem boca* (2006), quando discute, entre outras questões não menos importantes, que, em se tratando de América Latina, há um balbucio teórico que significa a escuta do corpo subalterno, apesar de, em nível geral, ter pouca representatividade, uma vez que não é escutado pelos grandes centros hegemônicos do mundo. Não por acaso, acerca do conceito de balbucio, Achugar diz “que balbuciar não é uma carência, mas uma afirmação.” (ACHUGAR, 2006, p. 24) Logo, pensando na subalterna Macabéa, podemos dizer que sua carência era de fome, de não ter o que comer (sonhava com coxa de vaca), mas não de pensamento, como deu a entender seu Autor. Achugar abre um leque de discussões teóricas que me ajuda a entender melhor a história de Macabéa; apesar de sua leitura não ser de base descolonial, dela se aproxima também dos postos-chaves de uma gramática do corpo da gramática moderna. Trago parte de sua discussão, no intuito de mostrar a diferença que existe entre Macabéa e Rodrigo, e não a suposta aproximação defendida romanticamente por ele. Assim, ao tratar do conceito de “balbucio teórico” na América Latina, afirma: “A ‘história local’ de um sujeito social não é a mesma de outro, mesmo que ambos pertençam à mesma comunidade” (ACHUGAR, 2006, p. 24). E arremata:

O sujeito social pensa, ou produz conhecimento, a partir de sua “história local”, ou seja, a partir do modo que “lê” ou “vive” a “história local”, em virtude de suas obsessões e do horizonte ideológico em que está situado. A “história local”, a partir da qual o presente trabalho está escrito, tem a ver com interesses locais concretos, os quais não têm valor universal, e ambos não podem ser propostos como válidos para toda a América Latina e, talvez, menos ainda, para esse conjunto que alguns chamam de “as Américas” (ACHUGAR, 2006, p. 29).

Não precisamos ir longe para entender que Macabéa só pode pensar, e pensa, a partir do modo que vive sua história local suburbana e por meio do corpo sente. O mesmo, diríamos, a escritora Clarice Lispector: sabe e não se põe no lugar de Macabéa, dadas suas diferenças sociais e culturais notórias, enquanto

o oportunista escritor fracassado Rodrigo S (endo) M(acabéa) se põe, ou tenta, no lugar dela como se fosse possível. Também eu, Marina tenho consciência que o meu modo de pensar tem a ver com interesses locais concretos (a escrita desta reflexão já seria um exemplo), e esses valores, de modo especial a teorização empregada, não tem valor Universal, e, por não ter valor planetário, não são mesmo “relevantes” (MIGNOLO) para todos. Eis aqui, de meu ponto de vista, uma prática palpável de re-escrita. Ainda pensando em Macabéa enquanto uma figura subalterna, inútil, ignorante, alienada e que não pensa da perspectiva de Rodrigo S.M. transcrevemos mais esta passagem de Achugar:

Antropófagos, bárbaros, canibais, índios, selvagens, colonizados, nativos, indígenas, dominados, subalternos, escravos, marginalizados, submergidos, monstros, “povos sem história”, a lista com que se denominam ou qualificam alguns dos “personagens” da história latino-americana – heróis ou vilões, de acordo com quem conta a história – poderia continuar por um bom tempo (ACHUGAR, 2006, p. 30)

Como não se lembrar dos vários retratos, quase todos de fundo depreciativo, que Rodrigo faz de Macabéa, ao longo da história sobre a qual ele se arvora o direito de contar nos mínimos detalhes? De acordo com o autor de *Planetas sem boca*, e entende-se planetas sem boca como a América Latina, já que os que ali se encontram, para o resto ocidental, não pensam e não produzem teoria e nem muito menos conhecimento o balbucio teórico advém daqueles

que pensam que há somente um modo, ou somente uma via, para o trabalho teórico – seu modo, ou o modo com que suas instituições definem como a via – não podem reconhecer o discurso do outro como estruturado e qualificaram – desqualificaram - como balbucio tudo o que eles interpretem como “não-sistemático” e “não-metódico” (ACHUGAR, 2006. p. 38.).

Essa passagem, em particular, alude diretamente ao livro *¿Podemos pensar los no-europeos?*, na medida em que, como contra resposta, poderíamos contra-argumentar, ou responder teoricamente que, sim, e não só pode como estou fazendo e pensando a partir das diferenças coloniais todas. Assim como a briga instaurada entre Próspero x Caliban e mostrada por Achugar, reafirmo que a briga que os corpos subjugados travam, mesmo que silenciosamente como o de Macabéa agonizando calada na calçada e ao lado do capim, não era menor

do que a Mercedes-Benz que a atropelou. De alguma forma, a boa briga em torno de uma teorização descolonial que propus para este estudo não é em nada menor, na medida em que encontro muito mais uma crítica que caminhou na contracorrente dessas vertentes outras advindas de outras epistemologias. Com certeza, meu desafio e minha luta no tocante ao não desistir e seguir em frente advenha exatamente de dificuldades dessa natureza. Mais uma vez aqui entendo que estou fazendo re-escrita, uma vez que, espero, estar teorizando a partir do “re-” e não apenas descrevendo ou reescrevendo.

Pergunto, tendo Macabéa por exemplo, o que o subalterno faz senão gaguejar, ou balbuciar na esperança de ser ouvido pelo outro, de querer insistir que existe? Talvez sua preocupação não seja exatamente esta, uma vez que não se trata de ele não existir, ou de sequer ter representatividade; se trata, antes, de querer aproximar-se do corpo subalterno de uma perspectiva outra, como a descolonial, sustentada pelo pensamento fronteiriço. Afinal os corpos existem e estão situados no espaço e em algum lugar da cultura. Metaforicamente também, a condição da gagueja de Macabéa, pode querer representar, para além de um distúrbio de fala (aliás quem tinha distúrbio de fala era a escritora, por ter um defeito físico, a língua presa), bloqueios de fundo emocional atravessados pela repressão, pela censura da época, e por um gesto castrador que fica interdito no modo como seu mentor subestima sua inteligência feminina.

Estou trazendo esse esboço de um possível pensamento gago outro de Macabéa para, com isso, mostrar que pensamentos outros dessa natureza somente podem ser escutados a partir de uma prática de pensar outra que se formula pelo re-aprender, ou re-teorizar ou re-escrever presente numa gramática sob a prescrição escrita com o corpo. Pensando nisso, trago, a partir de agora, o que Edgar Cézar Nolasco já publicou sobre a questão do re-escrever em Clarice Lispector.

Edgar Cézar Nolasco abre o capítulo intitulado precisamente de “aprender a escrever para reescrever para poder re-escrever” trazendo duas crônicas

seminais da escritora para sua fundamentação teórica. Aqui, apesar de me valer do referido texto quase à exaustão, vou continuar a perseguir as vezes em que a escritora menciona o ato de “escrever”, ou prática, como forma de pontuar que ali pode residir sua possível re-escrita que culmina na gramática corpórea. Convém lembrar, de início, o que Nolasco faz observar e que tem a ver diretamente com meu propósito aqui:

Nesta proposta descolonial de *aprender a desaprender para poder assim re-aprender* formula-se um conceito chave defendido pela teorização descolonial que endossa, por sua vez, a política do ensaio biográfico fronteiriço que é o conceito de *desprendimento*. Quero chegar a esse conceito passando, diretamente, pelas duas passagens [duas crônicas] de Clarice, visando pontuar que a intelectual brasileira já propunha, mesmo que sem o saber, uma *teorização* descolonial fronteiriça do desprendimento com relação, especificamente, à boa tradição literária e seu respectivo pensamento moderno ocidental (NOLASCO, 2019, p. 29-30).

Assim, parafraseando a passagem, digo que quero chegar ao “conceito” de re-escrever ilustrado pela gramática sensível parafraseando pelas minipassagens que, direta ou indiretamente, aludam ao ato/verbo “escrever” mencionado pela escritora/escritor no decorrer da narrativa de *A hora da estrela*, como já disse. Ainda na esteira do que afirma Nolasco, entendo que além do conceito de desprendimento, o conceito de desobediência epistêmica também se arrola e se diz no re-escrever aqui perseguido. Não por acaso, Walter Mignolo, ao falar do desprendimento, reitera que o conceito reúne em si “formas de saber que nos prendem e moldam ativamente nossas subjetividades nas fantasias das ficções modernas”.⁸ Ou seja, desprender-se visa romper tais amarras do saber e desfazer as mordanças subjetivas que tentam imperar e nos impor um modelo a todo custo; e, com relação especificamente às “ficções modernas” (falácias discursivas e teóricas), penso no caso de Macabéa que se encontra presa ao discurso castrador e hegemônico de seu criador, mas que, por meio de uma prática subentendida de Clarice, valendo-se do re-escrever como um jogo, dá, para usar uma palavra de Silviano, uma gargalhada muda, até porque seu

⁸ MIGNOLO *apud* PALERMO. Prefácio, p. 7. “formas de conocer que nos sujetan, y modelan activamente nuestras subjetividades en las fantasias de las ficciones modernas.”

pensamento era gago, como já disse. Aproveitando a discussão aqui feita, valho-me de uma passagem de Zulma Palermo que vem ao encontro desse campo do desprendimento:

Se trata – como propõe o lema da Universidade Amautay Wasi – de “desaprender para aprender a aprender”, o que exige antes de mais assumirmo-nos como colonizados, desmontando os conhecimentos adquiridos na ordem cumulativa e reprodutiva que se acredita ser única, válida e verdadeiro. Isso desafia-nos e torna-nos disponíveis para nos abirmos a um diálogo comunitário em que a construção do conhecimento possa atingir proporções colectivas, actualizando o pensamento gerado no próprio lugar para o colocar em diálogo com os outros e, em particular, dando reexistência a trama tecida pela memória social e pela produção intelectual em cada local de produção.⁹

“Desprender para aprender a aprender” é correlato ao nosso aprender a reescrever para re-escrever — de modo que, e pensando aqui em Macabéa como a protagonista principal da gramática do corpo e na opção do descrever de Clarice como um re-escrever, entendo que Macabéa como uma des-sujeita colonizada que, ao mesmo tempo em que acumula em seu corpo cariado os conhecimentos adquiridos por meio do discurso do saber de seu intelectual criador, também, por outro lado, podem rechaçá-los como únicos e verdadeiros, uma vez que sua condição de sujeito desassujeitado (descolonial) a determina. Não se trata de rivalizar um pensamento com o outro mas, ao contrário, de propor um diálogo na diferença, onde as histórias possam acontecer a partir de seu lócus e diferenças, sem caírem nos espelhismos homogeneizantes.

Voltando ao texto anteriormente citado de Nolasco, ele dizia na sequência que “desprendimento, aqui neste contexto “o de se ler Clarice Lispector”, é a desobediência posta em prática como saída, ou opção descolonial, de driblar a

⁹ PALERMO. (org.) Para uma pedagogia decolonial, p. 16. (Se trata – como propone el lema de la Universidad Amautay Wasi – de “desaprender para aprender a aprender”, lo que requiere en primer lugar asumirse como colonizad@s, desarticulando el conocimiento adquirido en el orden acumulativo y reproductivo que se cree es único, válido y verdadero. Esto nos interpela y nos pone en disponibilidad para abrimos a una interlocución comunitaria en la que la construcción del saber puede alcanzar proporciones colectivas actualizando el pensamiento generado en el propio lugar para ponerlo en diálogo con otros y, en particular, dando re-existencia a la trama tejida por la memoria social y la producción intelectual en cada lugar de producción.)

vontade universal e abstrata que sustenta a proposta do pensamento moderno e por extensão do discurso do ensaio moderno” (NOLASCO, 2021, p. 30). Assim, penso que, quando Clarice diz que *foi quando pensei em escrever sobre a realidade, já que essa me ultrapassa* (LISPECTOR, 2020, p. 15) para, no mesmo parágrafo, reiterar que *pelo menos o que escrevo não pede favor a ninguém*, (LISPECTOR, 2020, p. 15) ela está, sim, provocando um ato de desprendimento por meio de uma proposta escritural assentada na teimosia, ou melhor, em uma desobediência, no mínimo com relação à tradição beletrista brasileira. Na mesma página em que tece tais comentários de *A hora da estrela*, ela volta a citar cinco vezes a palavra escrever — (LISPECTOR, 2020, p. 15). Assumir que está mudando de modo de escrever não deixa de ser um ato importante na medida em que, de alguma forma, pode significar estar se afastando do próprio jeito de escrever por ela mesma durante toda sua vida intelectual até ali; lembrando aqui, mais uma vez, do que dissera anteriormente Silviano Santiago. Também não se assumir como profissional das letras torna-se bastante significativo dentro de nossa teorização descolonial na medida em que a literatura deixa de ocupar o lugar almejado, por exemplo, pelo escritor fracassado Rodrigo S.M. Mas, pensando na teorização que move esta tese, o mais significativo é quando ela também assume que só escreve o que quer escrever. Não vou me deter nisso aqui como gostaria, mas apenas adianto que tal posição assumida por ela, além de reforçar o *escrever com o corpo*, também assumido desde o início da narrativa, prende-se à práxis do fazer e do pensar descolonial que corrobora a gramática do corpo aqui pensada, segundo Walter Mignolo.

Bem, das cinco vezes que a escritora mencionou a palavra “escrever”, agora transcrevo — *mas que ao escrever — que o nome real seja dado às coisas* (LISPECTOR, 2020, p. 15); *Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina mas por motivo grave de “força maior”, como se diz nos requerimentos oficiais por “força de lei”* (LISPECTOR, 2020, p. 15). Vários atos de desprendimento ficam explícitos na narrativa exterior e explícita

trabalhada pela escritora, sobretudo quando ela amarra o escrever a uma possível poética do cotidiano, bem como quando ela se pergunta por que escreve e assume que captou o espírito da língua e que por conta disso a forma que faz conteúdo. Entendo o que ela está querendo dizer, como grande escritora moderna assumidamente que era, mas também não posso deixar de dizer que Macabéa e sua história subalterna estão do lado do conteúdo de uma gramática des(pro)gramática moderna, uma vez que, por mais que sua criadora tenha toda a habilidade e domínio da técnica verbal, não atinge pelo lado de dentro a verdadeira história de Macabéa que se narra a partir da exterioridade. (Temos, aliás, como era de se esperar, uma representação muito bem elaborada no plano da linguagem).

Aqui, mais uma vez, me valerei de outra passagem de Nolasco, que corrobora a discussão. Ao tratar da prática de escrever posta em execução por Clarice, afirma que ela

Já está pontuando que já está na pauta (ou agenda) não da retórica da modernidade (apesar de ainda seu projeto como um todo estar lançado nesse lugar), mas na opção descolonial que permite a ela re-pensar, re-aprender, um re-escrever da ordem do des-escrever de uma epistemologia outra que, apesar de não ignorar a proposta da epistemologia moderna, não se coaduna com ela e propõe um escrever declinado em uma lógica outra (NOLASCO, 2021, p.31).

A passagem capta e traduz minha busca no decorrer deste trabalho; daí só resta-me perseguir as pegadas do “escrever” como forma de contornar o descrever da escritora já como um des-escrever dito por Nolasco (leia-se re-escrever). Vejo, assim, mais algumas aparições do escrever dentro da história na qual talvez Macabéa não se escreva, más é escrita por ambos. Mas com certeza seu corpo cariado está lá feito uma pedra no meio do caminho da escritura de Clarice e até mesmo do projeto moderno de Rodrigo S.M. — *e a pergunta é: como escrevo? [...], Mas quando escrevo não minto. [...] Não, não é fácil escrever. [...] E se for triste a minha narrativa? Depois escreverei algo alegre...* (LISPECTOR, 2020, p. 16-17). Aproveito os comentários acerca do escrever da narrativa para retomar o “descrever me cansa”, e assim pensar que a opção do descrever deve

cansar mesmo qualquer um, uma vez que a ação é inócua, improdutiva, repetitiva e monótona, como soa ser quase sempre todo discurso que se arvora do direito de *falar sobre o outro*. Talvez seja por isso que quase todos os predicativos sobre o corpo da miserável nordestina Macabéa, do ponto de vista de criador, constroem um retrato sem vida, dispensável, e que não condiz com a realidade outra vivida e vivenciada por Macabéa no sul do fora do mundo (a periferia de uma cidade grande toda feita contra ela, o Rio de Janeiro).

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BURGOS, Elizabeth. **Meu nome é Rigoberta Menchú**: e assim nasceu minha consciência / Elizabeth Burgos; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1993.

GIULIANO, Facundo (org.). **¿Podemos pensar los no-europeos?**. Buenos Aires: Del signo, 2018.

GIULIANO, Facundo. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión ética-geopolítica. In: FACUNDO, Giuliano (org.). **¿Podemos pensar los no-europeos?: ética decolonial y geopolíticas del conocer**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2018, p. 11 - 74.

KUSCH, Rodolfo. **O pensamento de Rodolfo Kusch**: movimento na América profunda. – 1.ed. – Porto Alegre: Cirkula, 2019. p. 425.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

MIGNOLO Walter. **Desobediencia epistémica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialid. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. "Prefacio". In: PALERMO, Zulma. Para una pedagogia decolonial. 1a ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014, p. 7-12. (El desprendimiento / Walter Mignolo).

NOLASCO, Edgar César. **O teorizador vira-lata**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

NOLASCO, Edgar César. **Perto do coração selbaje da crítica fronteriza**. São Carlos. SP: Pedro & João Editores, 2013. 170 p.

NOLASCO, Edgar César. **A hora da(s) estrela(s) Clarice & Macabéa**: fora da literatura, dentro da realidade: Pontes Editores, 2021.

NOLASCO, Edgar César. Por uma gramática pedagógica da fronteira-sul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9688>. Acesso em: 23 abr. 2022.a

NOLASCO, Edgar César. O ensaio de crítica biográfica fronteiriça. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica. v. 2, n. 18. Campo Grande: Editora UFMS, 2017, p. 31-42.

PORTELA, Eduardo. **O grito do silêncio**. In: Lispector, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro, José Olympio, 1977.

PESSANHA. Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.

SANTIAGO. Silviano. A aula inaugural de Clarice. Folha de S.Paulo, 1997. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/07/mais!/19.html>. Acesso em: 05/06/25.